

# AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

AVENÇA

Director Literário—Dr. João Tendelro  
Composição, Impressão e Redacção na  
Tip. Figueiroense—Figueiro dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

## Marracuene

As campanhas de ocupação efectiva das colónias, no século XIX e nos começos do actual, constituem feitos militares comparáveis aos mais gloriosos da história militar de todos os povos.

Convém, antes de mais, esclarecer, para melhor salientar o perigo que então pairou sobre o nosso Império, que se verificou muitas vezes serem os indígenas instigados e armados por elementos suspeitos, frequentemente missionários protestantes, e às vezes auxiliados por soldados de exércitos europeus.

António Enes, Mousinho de Albuquerque, Caldas Xavier e muitos outros de igual valor político e militar formam a pléiade admirável que preservou para sempre as nossas colónias da insaciável cubija do estrangeiro.

O primeiro, António Enes, foi nomeado comissário régio para Moçambique, com a missão especial de organizar e levar a cabo a campanha repressiva e ofensiva contra Gungunhana, que se revoltava ostensivamente contra a nossa autoridade.

A empresa era melindrosa, cheia de responsabilidades, porque, foi António Enes que o disse, "não bastava restabelecer a ordem e castigar a desordem: tornava-se indispensável segurar o nosso domínio de tal arte que não fosse mais ameaçado ou discutido, e, para isso, livrá-lo das contingências a que o trazia exposto o régulo de Gaza."

Todos sabemos o resultado da luta com Gungunhana e o seu epílogo na jornada inesquecível de Chaimite. E' uma série de acções militares brilhantíssimas, demonstrativas da bravura, da capacidade de improvisação e adaptação, da força de alma, do espírito de sacrifício da nossa raça.

Em Marracuene, Mogul e Coolala os soldados de Portugal demonstraram, no mesmo grau, as suas raras virtudes guerreiras.

Em Marracuene, por exemplo, 2.000 homens cercados por uma multidão imensa de indígenas armados, resistiram a todos os embates, colmataram as ruturas feitas no dispositivo e, por fim, repeliram o inimigo, que abandonou o campo derrotado.

Passou-se isto em 3 de Fevereiro de 1895. Recordando-o, agora, prestamos homenagem àquela reduzido número de portugueses que tão alto elevaram o nome da Pátria, e, do mesmo passo, chamamos para ele a atenção, a fim de que sirva de estímulo, das gerações a quem vão ser confiados os destinos do Império salvo por aqueles heróicos «africanos».

## CULTURA E MENTALIDADE

O movimento editorial português continua marcando pela quasi paralização. E' pouco acentuado o interesse do público pelas obras de literatura. Não poderá negar-se que se trata duma fraqueza inveterada. Mas se ela é inveterada não o é orgânica. Latentes estão connosco todas aquelas forças que levam à procura ansiosa de tudo quanto possa ser transformado em enriquecimento da individualidade de cada um.

São conhecidos de toda a gente os modos como os vários aspectos da vida social se interferem e mutuamente influenciam. Que pode fazer-se num país em que os 75 por cento de analfabetos pesam como a mais deprimente realidade? E dos 25 por cento alfabetizados, qual é a percentagem que, tendo passado do puro soletrar, adquiriu, por si ou por influência alheia, aquela iniciação literária mínima, criadora do interesse espontâneo da leitura? Se anteriormente as cifras eram pouco animadoras, aqui me merecem ser apreciadas. E infelizmente não temos só isso: dos realmente interessados quais são aqueles em condições económicas que lhes permitam satisfazer a curiosidade? Todos aqueles para quem a vida presente é fonte de reais preocupações e dela procuram ter ampla compreensão, sabem que o grande contingente interessado, hoje, é o de menores disponibilidades financeiras.

Para cúmulo de infortúnio temos essa espécie de *trust* que através duma literatura cõr de rosa tem por mais delicada missão o manter bem vivo o culto cego do mau gosto, da incultura e da aceitação passiva da pior matéria.

E' o ópio a juntar a tantos — verdadeira viciação organizada dos sentidos.

Repetimos que a nossa fraqueza, se é uma fraqueza inveterada, não o é orgânica; e condição fundamental para a abater ou pelo menos, ir abatendo gradualmente, é a persistência na elucidação: informar criticando; divulgar, seleccionando; e sobretudo, levar a cada um os meios de por si mesmo ir adquirindo a sua autonomia mental — aquela capacidade própria de lúcida apreciação e de esclarecida escolha.

Afonso de Castro Senda

## O Cavador

*Sobre a rudez altiva do rochedo  
Esmalta a estrêla-d'alva. Já se nota,  
Crispado, o figueiral, o figueiredo,  
Morto de inanição. — Tragédia ignota!*

*Nos arrepios da alvorada, cedo,  
E' que se o Homem, armado: a fôrça brota  
Em músculos de argila e de fraguedo,  
O tonus modelando a terracota.*

*«Bons dias!» Para a luta, na manhã,  
— Marrão, sachola, barra, picareta —  
Pranta se o rude corpo do titan...*

*Quem marca o tempo, em riba, à nossa aldeia?  
— O dia que se volta em ampulheta,  
A luz correndo como fina areia...*

Emiliano da Costa

## Dr. Simões Barreiros

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> Espôsa, regressou de Lisboa, no passado dia 10 do corrente, o sr. dr. Manuel Simões Barreiros, ilustre presidente da Câmara Municipal do concelho de Figueiro dos Vinhos e director do nosso jornal.

## Conselho Municipal

Conforme já noticiámos, reúne no próximo dia 15 do corrente o Conselho Municipal, a quem o sr. Presidente da Câmara vai submeter à aprovação a Gerência do ano anterior.

## Açambarcadorzinhos

Uma das mais frequentes expressões do açambarcamento é o facto de algumas pessoas terem em casa certos artigos destinados à venda, mas não o fazerem por esperarem alta de preços.

Na passada quinta-feira, houve nesta vila quem clamasse, alto-e-bom-som e em plena rua, contra um facto semelhante: dirigiu-se a uma casa onde sabia haver à venda batatas, e pediu que lhas vendessem. Foi-lhe respondido que as tinham efectivamente para vender, *mas não o queriam fazer por enquanto*. Isto depois do pretendente ter declarado que se não importava de as comprar por qualquer preço.

Que os compradores, embora sujeitando-se a preços superiores aos das tabelas, procurem, com o dinheiro na mão, adquirir de qualquer forma os géneros indispensáveis para o sustento da família, está certo. O que repugna admitir é que estes açambarcadorzinhos continuem a provocar embaraços na vida de cada um. Porque a cólera dos que têm fome é sempre de temer, e estamos a atravessar um momento crucial em que, mais do que nunca, é necessário velar pelo bem estar colectivo.

## Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Da filial em Figueiro dos Vinhos do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, superiormente dirigida pelo nosso amigo sr. Guilherme da Costa Luz, recebemos o *Relatório e Contas* do Banco referentes a 31 de Dezembro de 1942.

Pelo respectivo balanço, verificamos que, num período dificultoso como o actual, são plenamente justas as palavras do conselho fiscal que se referem «à competência e singular tino administrativo de que deram prova os seus dirigentes, dentro da acertada política de rigorosa prudência que se impuzeram, sacrificando os interesses imediatos da accionistas a uma maior consolidação da situação já excepcionalmente segura do Banco».

## A escola e à vida

Por Ad. Ferrière

3

### O «caderno de vida»

¿Que resta fazer agora? O trabalho final, isto é, a redacção da página que vai figurar no «caderno de vida», no classificador que é o «grande livro» das conquistas espirituais da criança. Este grande caderno tem um índice das matérias correspondentes ao programa adoptado, e página por página, encontrar-se-á aí tudo quanto se tiver aprendido: resumos copiados do quadro prefc, depois de se terem organizado em comum; resumos feitos livremente pelos alunos mais adiantados, segundo uma ordem lógica preestabelecida; trabalhos individuais mais completos e originais que não se encontrem nos outros cadernos. E não se julgue que estes trabalhos e resumos são só constituídos por redacções: a ilustração acompanha-os frequentemente e também os esboços nas margens, cartas geográficas, pinturas, gravuras coladas, artigos de jornais fixados nos sítios convenientes, pequenas amostras como grãos, flores, fôlhas, etc. Se as amostras são relativamente volumosas dificultando o seu volume a sua introdução no envelope classificador, dispor-se-ão nas estantes dos museus pessoais do aluno, lançando-se caderno uma nota ou chamada que lhes faça referência.

A observação, a associação de ideias, a invenção, a reflexão, a expressão oral e escrita; às vezes o cálculo, todas estas dificuldades têm sido exercidas e têm servido para a realização de coisas interessantes e úteis. Já aqui não menciono as construções manuais dos alunos mais novos nem as experiências de laboratório dos maiores, pois todas elas põem o espírito em contacto com a matéria e satisfazem a seu modo este duplo ritmo—observação e expressão—por meio do qual o mundo ambiente vem impressionar o pensamento, e o pensamento, por sua vez, modifica o mundo ambiente.

Seleção de

Maria Teresa Serra

## Pesca na Ribeira de Alge

A pesca à truta, na Ribeira de Alge, que até agora tem sido absolutamente proibida, voltou a ser permitida, mas — chamamos para este ponto a atenção dos interessados —, apenas empregando o anzol e linha flutuante. Todos os que se arriscarem a pescar doutra maneira, ficam expostos a severas penalidades da lei.

## Aviso

Avisam-se todos os interessados de que, com o fim de intensificar a repressão do açambarcamento e das vendas clandestinas para exportação, vai ser fiscalizada a distribuição do tabaco fornecido aos agentes, depositários e vendedores por grosso e ainda junto dos retalhistas, para que a sua venda seja exclusivamente para consumo local, dentro do plano estabelecido nas instruções aprovadas por despacho ministerial de 26 de Dezembro findo nos termos do n.º 4.º do artigo 1.º do Decreto-lei n.º 32.322, as quais se encontram patentes na Secretaria da Câmara Municipal.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura



## Intensifiquemos a produção

Não queremos deixar de recordar outra vez estas palavras de Salazar:

— Através de crises económicas, extensas e graves, não obstante dificuldades de política internacional a abalar por toda a parte a confiança, o crédito, a tranquilidade das nações, apesar da instauração de novos processos e de orientações diferentes, tanto no que respeita à direcção de cada economia nacional como no das relações das várias economias entre si, resistimos, isto é, os princípios por nós defendidos e executados deram as suas provas e os raros sobreviventes da maledicência política não podem mesmo impedir que os houvesse e por alguma parte os incitem.

Sabemos, com efeito, o valor das afirmações produzidas pelo grande condutor da Revolução. Além disso, o prodígio é evidente: para que naufrágio não estaríamos já singrando, sobretudo agora, nestes tão calamitosos tempos, se não fosse o o triunfo desses princípios a que alude Salazar!

Não sejamos, porém, inconvenientes e não atribuamos unicamente ao Estado um exclusivismo de acção, cuja obrigatoriedade nos devesse evitar qualquer esforço. Isso seria um erro, mais ainda e decerto que um erro: verdadeira loucura suicida. Não lhe compete, é-lhe impossível fazer tudo, e até a produtividade do seu trabalho resulta de algum modo estéril, se não tiver a colaboração franca, leal e apaixonadamente devotada de nós todos.

A intensificação da produção nacional, hoje mais do que nunca, constitui, por exemplo, no domínio económico, um problema para que se exige a convergência das maiores atenções. E sobretudo porque na terra encontra o país a sua maior fonte de riqueza, importa que os lavradores se dediquem a ela, aumentando-lhe o rendimento por uma crescente valorização. E vem a propósito salientar o interesse que deve merecer-lhes o programa das chamadas *Fornadas Agrícolas* para 1943, cujas brigadas de técnicos visitarão os diferentes concelhos de lavoura, a fim de ministrarem ensinamentos que serão perfeitas lições práticas.

Outro capítulo que se impõe, ainda no domínio económico, é o do desenvolvimento de certas indústrias, mormente aquelas de incidência imediata sobre o equilíbrio geral da vida.

O exemplo do carvão é, a este respeito, concludente. Todos conhecemos as graves dificuldades de vária ordem que a sua diminuição no mercado ocasiona. Torna-se por isso indispensável que a iniciativa particular ajude a resolver o momentoso problema, iniciamos desde já uma activa campanha de carvões vegetais, para que não falte matéria prima, dispersa por todo o país.

E assim sucessivamente, em qualquer possível aspecto da economia — dentro dos lucros razoáveis, da mais sensata e aconselhável aplicação de métodos, da perfeita compressão de cada um tem o dever de contribuir para o interesse de todos, que afinal resume o bem-estar da nação.

Só deste modo será possível ganhar a nossa grande batalha pacífica.

## A dignidade das mulheres chinesas

(Continuado da 1.ª página)

portanto, mais uma questão de condição de vida e educação do que uma qualidade hereditária, uma situação mais accidental do que fundamental. Seja como for, a vida actual veio oferecer à mulher chinesa a possibilidade de provar o seu valor, e para o homem chinês as qualidades femininas já estão de tal maneira demonstradas que ele não se sente atónito quando vê a mulher caminhar a seu lado, de espingarda ao ombro, à procura dos inimigos, com a mesma habilidade que os seus companheiros.

Como conseguiu a mulher atingir este nível não só no seu conceito como na estima do homem? Sem qualquer fanfarras de igualdade de direitos, movimentos de sufrágio e rectificações constitucionais, conseguiu a mulher chinesa chegar a uma situação pela qual a mulher ocidental ainda luta.

Quando se deu a revolução, a mulher tomou parte nela. Quando foi votada a constituição, dum modo geral, ela tinha igualdade de direitos. Quando foi modificado o sistema escolar, as escolas, colégios e Universidades foram organizados co-educacionalmente. Logo que a China passou do medievalismo das liteiras e padiolas para os aeroplanos como meio vulgar de transporte, as mulheres da China também saltaram da antiguidade para a actualidade, sem nenhuma das dificuldades tradicionais que demoraram o progresso da mulher ocidental.

(Continua)

## Casamento

Realizou-se no dia 10 de Fevereiro, nesta vila, o casamento religioso do nosso assinante sr. Manuel da Silva Feitor, com a sr.ª Alice de Jesus Mendes, de Alcobaça, onde fixaram residência.

Foram padrinhos por parte do noivo o sr. Luiz da Silva Feitor e sua esposa Filipina David Campos e por parte da noiva, o sr. Manuel Perdigão Lopes e esposa, de Alcobaça.

Aos noivos augura "A Regeneração" um futuro risonho.

## Os nossos filhos

Recebemos o n.º 7 referente a Dezembro de 1942, desta útil revista mensal para os pais, da direcção de Maria Lúcia, de que a *Livraria Bertrand*, Rua Garret 73, Lisboa, é distribuidora.

Com um apurado aspecto gráfico, esta revista impõe-me não só pela utilidade que os temas tem para quantos lidam com as crianças, como pelas modelos para crianças, fotografias, etc.

Agradecemos a gentileza da oferta.

## Despedida

José Simões Sousa e Silva, furiel-mecânico, embarcando inesperadamente com destino aos Açores, cidade de Angra do Heroísmo, apresenta por este meio cumprimentos de despedida aos seus amigos, em virtude de lhos não ter podido apresentar pessoalmente.

## Prevenção

Zíria Henriques de Abreu, viúva de Manuel dos Santos, moradora no lugar de Vilas de Pedro, freguesia de Campelo, constando-lhe que vão ser vendidos alguns bens que fazem parte do casal, ainda indiviso, de seus falecidos pais Manuel Simões de Abreu e Patrícia Maria, moradores que foram do mesmo lugar, previne, para os devidos efeitos, os pretensos compradores desses bens, de que, nos termos do art.º 2177.º do Código Civil e mais legislação aplicável, são nulos os respectivos contratos desde que neles não intervenham como vendedores todos os co-herdeiros.

Vilas de Pedro, 6-1-1943.

a) Zíria Henriques de Abreu

**Vendem-se** em Figueiró dos Vinhos todas as propriedades rústicas e urbanas pertencentes a Francisco dos Santos, Alfaiate Diplomado de Tomar.

Trata-se com o mesmo.

## FALECIMENTO

Com a idade de 70 anos, faleceu no Casal dos Ferreiros da Robsira, deste Concelho, o nosso assinante sr. Manuel Soares, pai do também nosso assinante sr. João Soares, de Aldeia da Cruz.

A toda a família enlutada apresenta «A Regeneração» sentidos pezames.

## Governo Civil de Leiria

### Edital

Nos termos do N.º 1.º da Portaria N.º 10.112, de 11 de Junho de 1942, as lãs em poder dos produtores ou intermediários consideram-se requisitadas.

Para dar cumprimento ao que então se determinou e no sentido de evitar os graves inconvenientes resultantes da paralisação das fábricas de lanifícios, por falta da matéria prima ainda não entregue, faço saber:

1.º — Que os produtores domiciliados no concelho de Figueiró dos Vinhos, são obrigados a fazer entrega das lãs no prazo de 30 dias a contar da data deste edital.

2.º — Que a entrega dessas lãs poderá ser feita por intermédio dos Comissários da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios (F. N. I. L.), ou por intermédio dos Grémios da Lavoura, nos termos da Portaria N.º 10.112.

3.º — Que se consideram sujeitos às penas por crime de assambarcamento os produtores que, não tendo comunicado, Junta Nacional dos Produtores Pecuários ou à Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, o desejo de fazerem a entrega das lãs por intermédio do seu Grémio da Lavoura, se recusarem a entregá-las aos Comissários da F. N. I. L. que se lhe dirigirem.

4.º — Todos os produtores abrangidos pelo número ante-

## DESVIO

CONTO — por MIGUEL PEREIRA

III

Desde que entrou ouve de momento a momento uma voz grave que vem da sala do lado a fugir pela porta: «Nada mais...» «Nada mais...» Encaminha-se para lá devagar e acerca-se da mesa que ocupa o centro do salão. Toda cheia de números e riscada aos quadros, quasi desaparece debaixo dos cabeças que se inclinam para ela. No meio um disco gira com velocidade incrível e todos olham atentamente para ele. Depois ecoa a voz: «Nada mais...» e o disco começa a parar, até que a mesma voz se ouve novamente: «Vinte e quatro...» um murmúrio circula à volta da mesa e ancinhos de madeira começam a recolher as fichas. Duas ou três pessoas levantam-se. Uma delas leva um anel na mão para ir trocá-lo por fichas. Ali fazem-se todas as transacções possíveis e impossíveis. Ele senta-se num dos lugares vagos e lança um punhado de fichas sobre a mesa. Uma mulher de grande decote, com

os ombros nus, que estava ao lado, pede-lhe:

—Dá-me uma ficha, filho...  
O sr. Costa entrega-lhe uma amarela.

—E's um «cara nova» mas vens «alto», diz-lhe ela como agradecimento.

Ele nem olha. O disco começou a girar e os olhos estão presos aquêlo movimento. Não houve nem vê mais nada. Tem a impressão de que o disco começa a aumentar de tamanho. Muito redondo a crescer a crescer... Aos ouvidos chega-lha uma voz muito distante: «Nada mais...» O disco começa a perder a velocidade. A esfera prateada fica a girar como lenca entre alguns números e depois pára: «dez...», exclama uma voz. Ele vê crescer pauxa o seu lugar o ancinho que lhe leva as fichas. Nada. Aperta os lábios e crispa as mãos em cima da mesa. Fôz quatro monte de fichas...

As horas abraçadas umas nas outras giraram rapidamente. A mesa foi-se esvasiando a pouco e pouco.

As letras luminosas—CASINO—estão apagadas como a esperança do sr. Costa que ficou perdida naquela sala cheia de luz. A camionete vem de regresso. Quasi todos dormem. Só, no banco de trás, o sr. Costa vem acordado. Pálido, os olhos fitos na lâmpada baça que ilumina a camionete, tem a impressão que ainda vê girar o disco. E nos ouvidos a voz a berrar-lhe: «Nada mais» E o ancinho a levar-lhe as fichas, umas atrás das outras, como um pequeno ribeiro que corre sempre na mesma direcção. Não pensa em mais nada. Nem no dinheiro que não pode pôr no cofre, nem na notícia do jornal.

## FURTO:

«Apresentou queixa na policia a firma Cunha Gonçalves, Lda, contra o seu antigo guarda-livros, Manuel Costa, por se ter apossado indevidamente duma importância que indicou.»

Era na secção «Pela Cidade», na

crónica dos roubos e dos crimes, que aquilo havia de vir. Depois o julgamento. Ele, Costa, com quinze anos de trabalho, sempre honrado, no banco dos réus, por causa duma nota de mil escudos!

Desempregado. Ninguém o queria, era um gatuno. Mas havia de gritar no tribunal; «Roubei isso para salvar a minha mulher! Ela está doente, muito doente...» E a voz do advogado de acusação: «O réu confessa o crime». Depois condenado...

A camionete entra na cidade e pára. O sr. Costa desce e encaminha-se para casa. Abre a porta silenciosamente e sobe as escadas devagar. Entra no quarto.

A mulher acorda e vê o marido ao lado a falar só. Abana-o e ele desperta, a esfregar os olhos e a dizer: «Que sonho horrível... A mulher começa a tossir. E sempre de madrugada que aquilo principia e só termina pelo manhã. Ele levanta-se e vai buscar um pouco de chá para ver se ela acalma. E pensa: «Que sonho horrível. Se durava mais tempo...»

«Deve—Haver.» O livro lá está. E a sua secretária muito arrumada, as canetas sempre do lado direito,

as mangas pretas na gaveta do meio. «Deve—Haver». «Por ordem alfabética é mais prático» «Mês, dia, sua factura...»

O sr. Gonçalves já regressou e tudo voltou à normalidade. Aquela normalidade que era a sua vida há quinze anos. Casa, serviço. Serviço, casa. Havia agora a mais aquela tosse da mulher, que lhe fazia perder as madrugadas.

Mas havia de habituar-se. Férias não os podia ter, nem ao menos mandar a mulher para fora. Paciência. A vida era assim. Havia outros piores do que ele. Mas não sentia pena. Que se sujeitassem. Ele também...

—Sr. Costa, trate de tirar esses extratos de factura.

—Sim, sr. Gonçalves.

Ele inclina-se sobre o livro: o «Deve» à esquerda, o «Haver» à direita.

Começa a somar e esquece tudo.

Lá fora, na rua batida pelo sol, a vida gritava duramente na voz duma rapariga que cantava um fado, acompanhada por dois cegos.

# GASOGÉNIOS

«AUTARK»

Fabricação Suíça

Modêlos especiais para automóveis e camions

Recomendados e preferidos pela

**GENERAL MOTORS na Suíça**

Funcionamento impecável — Sólida construção

**e grande rendimento**

Antes de comprar um gasogénio para a sua viatura

VEJA UM «AUTARK»

Em exposição no Stand dos Agentes para todo o Norte

**AUTOINDUSTRIAL, L. DA**

**COIMBRA**

6-4

## Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Editos de 90 dias

1.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juízo e sua 2.ª secção, correm éditos com a dilação de 90 dias, contados da segunda publicação deste anuncio, citando Manuel Tomaz Henques, casado, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, mas com o seu último domicílio conhecido no lugar da Sapateira, freguesia e concelho de Castanheira de Pera, desta comarca, para em 20 dias, findos que sejam os da dilação referida, contestar, querendo, a acção com processo ordinário que lhe movem e a sua mulher Maria da Conceição Henriques, Alvaro Tomaz e mulher Maria Fernanda Henriques, do mesmo lugar da Sapateira, com a advertência de que a falta de contestação no referido prazo, importa confissão dos factos articulados pelos autores.

Tribunal Judicial de Figueiró dos Vinhos, 18 de Janeiro de 1943.

O chefe da 2.ª secção  
Joaquim José da Conceição Júnior  
Verifiquei a exactidão  
O Juiz de Direito  
Themudo Machado  
Jornal «A Regeneração» n.º 578  
de 13 de Fevereiro de 1943

riores serão pelos Comissários da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, levantados autos de notícia, nos termos do Art. 13.º do decreto-lei N.º 29.964, de 10 de Outubro de 1939, para serem julgados no tribunal competente.

Governo Civil de Leiria em 3 de Fevereiro de 1943.

O Governador,  
Mário de Vasconcelos

## CONSULTORIO DENTARIO

**A. MARTINS NUNES**  
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas às **Sextas-feiras** e aos **Sábados** até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos**

Reabriu o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

## Anuncio

Comarca de Figueiró dos Vinhos

Editos de 20 dias

1.ª Publicação

Faz-se saber que por este Juízo e sua 2.ª secção, correm éditos de vinte dias citando quaisquer credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findos que sejam os dos éditos, — e contados da segunda e ultima publicação deste em qualquer jornal da comarca, virem à execução sumária em que são exequente a firma Manuel Simões Barreiros & Irmão Limitada, com sede nesta vila, e executado João da Costa Figueiredo, comerciante e residente na cidade de Lisboa, deduzir os direitos, querendo, nos termos e para os efeitos do art. 864.º do Código do Processo Civil.

Figueiró dos Vinhos, 6 de Fevereiro de 1943.

O chefe da 2.ª secção  
Joaquim José da Conceição Júnior  
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito

Themudo Machado  
Jornal «A Regeneração» n.º 578 de 13 de Fevereiro de 1943

## Madeira de castanho

Para construção ou latadas corte em Janeiro e Fevereiro

VENDEM

Albertina David ou Absílio Reis

## Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos  
R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

**Lusalite** Cimentos - Cal Hidráulica

Representante **Tungstam**

24-18

Comissões e Consignações

## Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Alfonses António da Conceição  
Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

## Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento

Agente-depositário de Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE FAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-5

Os melhores preços

## GÉLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

## CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede—**FIGUEIRO DOS VINHOS**—Telefone 5

|                     | Cheg. | Part. |                     | Cheg. | Part. |
|---------------------|-------|-------|---------------------|-------|-------|
| BOLO                | —     | 6,00  | LISBOA              | —     | 9,00  |
| Castanheira de Pera | 6,10  | 6,15  | Sacavem             | 9,25  | 9,25  |
| Figueiró dos Vinhos | 6,55  | 7,05  | Vila Franca de Xira | 10,05 | 10,10 |
| Pontão              | 7,40  | 7,45  | Carregado           | 10,25 | 10,25 |
| Cabaços             | 8,10  | 8,15  | Azambuja            | 10,45 | 10,45 |
| Tomar               | 9,05  | 9,20  | Cartaxo             | 11,10 | 11,15 |
| Entroncamento       | 10,00 | 10,05 | Santarém            | 11,45 | 12,05 |
| Torres Novas        | 10,20 | 10,25 | Pernes              | 12,45 | 12,45 |
| Pernes              | 11,00 | 11,00 | Torres Novas        | 13,20 | 13,25 |
| Santarém            | 11,40 | 12,00 | Entroncamento       | 13,40 | 13,40 |
| Cartaxo             | 12,30 | 12,35 | Tomar               | 14,20 | 14,30 |
| Azambuja            | 13,00 | 13,00 | Cabaços             | 15,20 | 15,25 |
| Carregado           | 13,20 | 13,20 | Pontão              | 15,50 | 15,55 |
| Vila Franca de Xira | 13,35 | 13,40 | Figueiró dos Vinhos | 16,30 | 16,40 |
| Sacavem             | 14,20 | 14,20 | Castanheira de Pera | 17,20 | 17,25 |
| LISBOA              | 14,45 | —     | BOLO                | 17,35 | —     |

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

## Carreira entre Bolo e Coentral

|          | Cheg. | Part. |          | Cheg. | Part. |
|----------|-------|-------|----------|-------|-------|
| Coentral | —     | 5,40  | Bolo     | —     | 17,50 |
| Bolo     | 5,55  | —     | Coentral | 18,50 | —     |

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ**—R. da Palma—Tel. 21363

## EMPRESA DE CAMIONAGEM

**A. J. ALVES & C.ª**

**Maçãs de D. Maria**

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

| CABAÇOS—COIMBRA               |         |         | ANCIÃO — COIMBRA               |         |         |
|-------------------------------|---------|---------|--------------------------------|---------|---------|
| DIARIA (excepto aos Domingos) |         |         | às Segundas, Quartas e Sábados |         |         |
|                               | Chegada | Partida |                                | Chegada | Partida |
| Cabaços                       | —       | 5,30    | Ancião                         | —       | 8,25    |
| Alvaiázere                    | 6,45    | 6,50    | Alvôrge                        | 8,50    | 8,50    |
| Chão de Couce                 | 7,25    | 7,25    | Rabaçal                        | 9,10    | 9,15    |
| Pontão                        | 7,35    | 7,45    | Condeixa                       | 9,40    | 9,45    |
| Coimbra                       | 9,15    | 15,30   | Coimbra                        | 10,15   | 16,00   |
| Pontão                        | 18,00   | 18,10   | Condeixa                       | 16,30   | 16,35   |
| Chão de Couce                 | 18,20   | 18,20   | Rabaçal                        | 17,05   | 17,05   |
| Alvaiázere                    | 18,55   | 19,05   | Alvôrge                        | 17,25   | 17,25   |
| Cabaços                       | 19,20   | —       | Ancião                         | 17,50   | —       |

## Pontão - Pombal às quintas-feiras

|        | Chegada | Partida |
|--------|---------|---------|
| Pontão | —       | 8,30    |
| Ancião | 8,50    | 9,00    |
| Pombal | 9,45    | 16,00   |
| Ancião | 16,50   | 17,00   |
| Pontão | 17,15   | —       |

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval) 24-21

Paragem em Coimbra, na AUTO GARAGEM. Telefone 701

## Estabelecimento de materiais de construção

DE

**Santos, Lopes & Prista, L. da**

Praça José Malhóa ● Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L. da» e do cimento «Tejo» Louças sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grés, Gésco, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

Boletim Bibliográfico

**Pastorais e Eglogas**, de Francisco Rodrigues Lôbo, com ensaio biográfico e histórico-crítico, selecções, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana. Editora Educação Nacional, Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1942.

A exiguidade de espaço não permite, na maioria das vezes, desenvolver a crítica dos livros recebidos na justa medida que merecem; por isso, limitamo-nos a fazer antes uma breve notícia crítica do que a apreciação integral que a sensibilidade e a razão nos ditam.

No caso presente, impunha-se uma análise simultânea da obra e personalidade de Rodrigues Lôbo, e da maneira como Mário Gonçalves Viana no-lo apresenta. Isto é, tendo o livro duas partes distintas, a do poeta e prosador pastoril e a do seu introdutor — um espírito estudioso e completo a quem a literatura portuguesa muito deve —, as nossas palavras deviam recair em ambas. Limitamo-nos a fazê-lo sucintamente.

Rodrigues Lôbo, nascido em Leiria no final do século XVI (1580?) representa a transição entre duas épocas literárias, correspondentes a dois séculos diferentes. Seiscentista pelo nascimento e pela educação, é contido o continuador do lirismo campestre de Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, em que os personagens são os mesmos pastores simbólicos. Mais do que o primeiro pilar da poesia do século XVII, é o último elo do sentimento bucólico das eras passadas. Na prosa e no verso, a natureza e os sentimentos saudáveis que ela inspira são, juntamente como o amor e a saudade, os temas dominantes.

Mário Gonçalves Viana não se limitou a apresentar o que foi, em si, poeta do Liz. Integrou a sua obra no ambiente que de facto lhe pertence, seguindo um método comparativo em que os sentimentos inspiradores são analisados em confronto com o dos nossos grandes clássicos afins. Trata-se dum trabalho honesto, e isto bastaria se não tivesse a valorizá-lo cultura e senso crítico. E estes estão bem patentes neste trabalho de Mário Gonçalves Viana.

**O Orgulho de Felícia e Braz e a primeira comunhão**, pela Condessa de Ségur. Editora Educação Nacional - Pôrto, 1942

Na literatura infantil, a condessa de Ségur esforçou-se por dar nas suas obras, um fundo de moralidade, em que a tecla preferida é o respeito pelos humildes. Por isso, se bem que já não correspondam a realidade social da actualidade, elas continuam ser de interesse actual.

Os dois livros recebidos seguem a trajetória dos anteriormente publicados: ensinam bons costumes, dão bons exemplos de isenção, e, por isso, podem e devem ser lidos pelos nossos miúdos.

**Falam os pilotos da R. A. F.** tradução de Mário Neves. Edição da Parceria A. M. Pereira, Rua Augusta, 44 a 45 — Lisboa, 1943.

Neste livro estão compiladas pequenas narrativas da acção desempenhada pela Real Força Aérea britânica na guerra, na sua acção defensiva e ofensiva contra os países do eixo. É interessante notar o tom impessoal da descrição, em que nunca aparecem mencionados os nomes dos aviadores que narram os diversos episódios: ataques a submarinos e a bases do inimigo, destruições de fábricas e de portos, bombardeamentos de couraçados, acção dos aparelhos de caça na defesa do território inglês, etc.

**Giraud**, por Gomes Monteiro. Colecção *Os homens da guerra*. Parceria A. M. Pereira.

Na guerra tanto interessa a contribuição colectiva dos exércitos como a iniciativa pessoal dos chefes. E quando a vida destes representa como a de Giraud, que os recentes acontecimentos do Norte da África colocaram em primeiro plano, uma série de acontecimentos sensacionais, é com verdadeiro interesse que se toma conhecimento dessas particularidades.

No caso de Giraud, é indubitavelmente a sua personalidade e a maneira como se tem desembaraçado das situações mais perigosas e fugido do próprio território na posse do adversário — tanto na guerra de 1914-18 como nesta — que têm chamado sobre ele a atenção do público. E, referindo-se esta pequena biografia de Giraud, que Gomes Monteiro escreveu e a Parceria A. M. Pereira editou, a esses elementos, merece igualmente o interesse dos leitores.

João Tendeiro

O valor dos óleos e combustíveis

As regiões petrolíferas da Caucaso são 3: Baku, na península de Apcheron, no Mar Cáspio; Grosny, no sopé septentrional da cordilheira cáucasica, perto do rio Terek; Maikop, na zona do Huban, tributário do Mar de Azov. Baku fornece cerca de 70% do total da produção; Grosny 25% e Maikop 5%. Deve dizer-se, porém, que estas produções sofriam alterações em cada ano, relativamente aos outros.

A primeira grande instalação de transporte, constituída ainda no tempo dos Czares, foi um oloduto (pipe line), de Baku para Batum, no Mar Negro. Ali, eram os óleos pesados e lubrificantes, o petróleo a gasolina armazenados em grandes depósitos; e dali seguiam em navios tanques para Odessa, Kheron e Nikolaiev, assim como para o estrangeiro. Por aquelas vias recebiam os caminhos de ferro e as indústrias da zona sul-occidental da Rússia os seus combustíveis. Com a constituição da lavoura motorizada, mediante o sistema de «Kholkoses», aumentaram as necessidades de gasolina de maneira extraordinária.

Todo o Leste, o Sueste e o Centro da União Soviética, eram abastecidos através do Mar Cáspio e do Volga. Em barcos petrolíferos, eram os óleos e a gasolina conduzidos por Astrakan e pelo Volga para as grandes regiões industriais do centro do país. Através do canal de Estaline, iam até Moscovo. Além disso, durante o tempo livre de gelos parte das preciosas cargas chegava à zona de Leninegrado. Assim se verifica que o tráfego no Volga é, para o transporte de combustíveis, para o interior e pelo meio da União Soviética, de decisiva importância. Os centros industriais da Ucrânia e metade da agricultura da mesma região, recebiam o combustível necessário, não de Baku, mas de Grosny e de Maikop. Da segunda daquelas cidades, segue um «pipe line» para «Rostov», e para o baixo Donetz. Esse tubo conductor de petróleo, lança um ramal para o pequeno porto de Tuaps, no Mar Negro; e do ponto de origem segue outro oleoduto para Machotschkaja, no Cáspio.

Além das zonas cáucasicas, também existe petróleo na outra margem do Cáspio, nas faldas dos Urais. do lado do sul, junto das nascentes do Amba; nalguns pontos a occidente do Urais e na bacia do Petchora, rio que se lança no Oceano Glacial Ártico.

Na região entre os Urais e o Volga e junto do Petchora, ainda não existem instalações de qualquer valor para a exploração da riqueza líquida, do sub-solo. O mesmo se dá na Sibéria, onde em vários pontos se fazem sondagens, cujos resultados são desconhecidos até agora.

O fornecimento pelos poços petrolíferos de Mossul e do Iran Sult Occidental à Rússia, não pode conceber-se. Está fora da discussão. O «pipe-line», de Mossul para Haifa e para Tripoli, na Síria não pode ser utilizado por a via, pelo Mediterrâneo e pelos Dardanelos estar fechado. O petróleo devia ir em caminho de ferro até Bassorá e depois transportado, em navios tanques, para Bender Shapur, no Golfo Pérsico, onde a linha férrea transiriana tem começo.

Eis, numa visão rápida e atavez das palavras do dr. Paul Rohrbach, a importância dos óleos e combustíveis para os caminhos de fers, para a industria de armamentos e para a agricultura.

RODRIGO JORGE

Notas á margem...

Vivemos uma fase histórica de grosseiras confusões. Perante a Guerra actual — a maior hecatombe cientificamente organizada que os homens conheceram; perante esta tremenda cinta de fogo e sangue que envolve o mundo inteiro, ainda muitos se não aperceberam que um Mundo Novo, com características novas, irá surgir da obscura crisálida da História. Ainda não notaram que é a potência do Velho Mundo em múltiplos e variados aspectos: — económico, político, social, moral, intelectual...; e epilogo dum a doida cavalgada que acabou de desacreditar os restos demo-liberais e várias experiências sociais de carácter totalitário. D'aqui certas preferências por este ou aquêl grupo em em luta, consante ideologias doentias ou paixões desenfreadas. Esperam um fim que seria o começo de novas lutas...

Os vários sistemas apresentam-nos uma diversidade de regimes políticos aparentemente muito ricos, mas muito pobres na realidade. Destituídos de verdadeiro sentido de Civilização, das mais altas verdades morais, da noção mesma da justiça, submetem-se à escravatura do progresso material. E em vão que neles se baseia o conceito da Grandeza Humana. São uma inversão de valores.

Nuns, o interesse público sobrepõe-se de tal forma ao particular, que o individuo some-se absorvido por uma Sociedade divinizada que tudo a sacrifica à sua segurança. Se a sombra dos inimigos a persegue e com o seu sangue pode manter-se... «que pereçam para bem de Estado». A Ideia do direito desaparece da região do poder. Falta-lhe a razão e a justiça, mas precisando invocá-las, fundamenta-as na necessidade social. A propriedade e o individuo são nada, o Povo a suprema lei. Socializado o homem, a Pessoa Humana fica tributária dum bem comum exclusivamente material, reduzido a uma economia estatista e a um capitalismo de Estado fundado nos mesmos princípios usu-

rários do capitalismo liberal. É uma doce escravidão. Um Estado rico. Um povo de mendigos.

Noutros, onde se proclama a liberdade política — uma liberdade quasi sem limites —, há pouco ou nenhum respeito pela liberdade civil. Os cidadãos julgam se livres por participarem nas deliberações públicas, na escolha dos meios que conduzem a um fim; mas nada lhes assegura o sonho de Bem-Estar individual. Não são apreciados ao que valem. Não pertencem a si mesmo. Supõem-se livres e são escravos. Estas Ideias, que podem parecer muito democráticas, casam-se, afinal, muito bem com o supremo desprezo do Homem, vinculando num reduzido número todas as honras e considerações, condenando à nulidade trabalhadores, artistas, mercadores etc. São povos metalizados. Sob as aparências externas de grandeza, reina em grande escala a dor, a miséria, a imoralidade. O pobre é uma expressão lacónica para designar o infimo grau de abjectão humana. Só lhe resta a degradação da ignorância, o aturdimento do vício, o torpôr da embriaguez.

Nuns e noutros o mesmo conceito materialista de vida. A diferença subsiste apenas no sistema de realização. Aqui o capital, ali o trabalho. Nenhum cerca o homem do respeito que lhe é devido pelo facto de ser homem. O sentimento de independência, da dignidade e do apreço de nós mesmo, quer dizer, a Personalidade Humana, some-se como a gota de água no Oceano.

Para quê, então, tanto entusiasmo por uns e ódio por outros, se no fundo todos são sistemas desordenados, moeda falsa, sacrificando o homem a um mito? Sejamos portugueses com pr centol Em vez de desperdiçarmos a nossa actividade a ressuscitar cadáveres, arranquemos aos passados as directrizes dum nova organização social inteiramente... humana.

C. D.

A dignidade das mulheres chinesas perante a guerra

por Pearl S. Buck — célebre autora da «TERRA BEMDITA»

Na China de hoje há mulheres que vestem fardas como quaisquer outros soldados e vivem estóicamente nas mesmas condições de vida. Fezemos isto como regra geral, de boa vontade, com graciosidade e admirável indiferença. Não menos admirável é o desembaraço e a indiferença dos homens com quem elas marcham e ao lado de quem combatem dia após dia.

Ainda mais espantoso é o facto dos assuntos amorosos serem comparativamente raros e as mentes, tanto dos homens como das mulheres, parecerem completamente ocupadas pelo desejo desesperado de ganhar a guerra.

Em tudo isto pensei ultimamente, quando vi as minhas compatriotas agitarem se diligentemente na execução dos serviços do exército do trabalho voluntário, fardadas com uniformes especiais, uns a trabalharem nos fábricas em tarefas antigamente desempenhadas por homes. Desde que principiaram a trabalhar, estas mulheres têm sofrido as ironias da má lingua. Aparentemente, pelo menos, parece que é um assunto que ainda causa certa admi-

ração na América o facto das mulheres abandonarem as suas casas e os seus antigos empregos para iniciarem novos trabalhos. Não sei porquê. E também não compreendo por que na China, onde a mulher foi durante tanto tempo conservada apenas nos trabalhos domésticos, é melhor compreendida hoje a liberdade feminina, e a mulher age com maior confiança em si própria do que na América, onde as mulheres há tanto tempo são tratadas com deferência, dispõem de maior liberdade e até possuem direito de votar. Por que razão, pois, a mulher americana ocupa no esforço de guerra um plano distintamente inferior ao da mulher chinesa?

Partindo do principio de que os seres humanos são iguais em qualidade, sejam de que países ou de que raças forem, não posso acreditar que a mulher chinesa possua uma qualidade intrinsecamente superior. O seu comportamento e posição mais elevados neste momento, e a igualdade que o homem chinês parece dar-lhe em regra geral, são,

(Continua na 2.ª página)

PREÇOS DE AZEITE

A Junta Nacional do Azeite aprovou, nos termos da portaria n.º 10.291, de 16 de Dezembro de 1942, os seguintes preços de azeite para vigorarem neste Concelho:

| Qualidades        | Preço de venda do retalhista ao consumidor |
|-------------------|--|
| Extra . . . . .   | 7\$25                                      |
| Fino . . . . .    | 6\$95                                      |
| Consumo . . . . . | 6\$55                                      |